

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
conprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melpaum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:— *O Evangelho lei das nações*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Religiosa: *A União Catholica - O dinheiro de S. Pedro*, Carta Pastoral do S. Em. e Sur. Cardeal-Bispo do Porto.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão—XIV, Os mysterios da religião*, por D. Francisco Xavier Garoia Rodrigo; *Sciencia para todos—VII, Gravura*, por Vasco de Macedo.—Secção Historica: *Erei Simão da Rainha Santa, II*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Os jesuitas e a imprensa revolucionaria em Portugal, II*, por Elias de Sampaio.—Secção Litteraria: *Seminarista*, poesia por Mattos Ferreira; *Pedantes confundidos*, por X. de Artois.—Secção Illustrada: *I, Os inimigos da Virtude castigados; II, A soagrada Familia; III, O Propheta Elias*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE JANEIRO DE 1887

## O Evangelho Lei das Nações

*Dominus autem Spiritus est.  
Ubi autem Spiritus Domini: ibi  
libertas.*

do liberalismo politico mal entendido que falláramos (1) e que fallámos; é d'esse liberalismo anti-christão, que imagina que, para a maior gloria da Religião, o melhor é esbulhar-a de toda homenagem publica e desapropriar-a dos povos, d'esse liberalismo cynico que, não só, tem contra si a razão, mas até a fé, mas até essa mesma religião de que elle, no poder, de ordinario, se serve e da qual nunca com certeza abriu os livros sagrados.

Pois se alguma coisa ali está escripto em cada pagina, é precisamente, como já o dissemos algures, que a Religião é a lei das nações.

Ella dirige-se certamente em cada homem ao intimo do seu ser, com relação à lei moral e celeste que o deve conduzir ao seu fim; e é por isso que ella se distingue de todas as falsas religiões que se limitem ao exterior; ella é *espírito e verdade*; mas ella não seria verdade se ella não tomasse o homem todo inteiro, tal como Deus o criou: o homem social, o homem nação.

Egualmente afastada, ou d'aquelle falso ascetismo que distrae o homem dos seus deveres sociaes, ou d'aquelle socialismo humanitario que o absorve no genero humano, a religião tem por fim principal o homem e a humanidade em nações.

O Christianismo é essencialmente federativo.

O Christianismo não é outra coisa, senão uma grande e misericordiosa federação do ceu com a terra, federação que deve fazer d'elle *um rebanho*, com

(1) Veja-se o que escrevi sob o titulo *A noção do Estado* no n.º 1 do 9.º anno d'esta Revista, a pagina 2.ª

um Pastor (1), o que chamavam em outro tempo pelo bello nome de *Republica Christã*.

Quanto não teriamos a citar em apoio d'estas reflexões?

Deus fez de Abrahão o Pae dos Crentes, mas como o fez? «Eu te farei pae de uma *grande nação*,—e em ti serão bemditas *todas as nações da terra* (2).»

Egual promessa é feita a Isaac e a Jacob. Mas a estes o Christo é mais particularmente annuciado como «Aquelle que será a *esperança* ou a *reconciliação das nações*.»

Vem immediatamente a realisação após a promessa. Deus faz d'Abrahão uma nação, cujo unico destino é a conservação e a propagação da verdade religiosa entre as outras nações. Não é por individuos que o Senhor procede, mas é por grandes individualidades nacionaes e collectivas. E, quanto ao grande character de Aquelle por quem deve operar-se a salvação do mundo, é do modo seguinte como está indicado:

«N'aquelle dia a raiz de Jessé que está posta por estandarte dos Povos, virão a ella mesma fazer-lhe suas rogativas *as nações* (3).

«*Todas as nações* irão a ella, e ella nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas: porque de Sião e de Jerusalem sairá a *Lei* (4).

«Desde o nascente até o poente será o meu Nome grande *entre as nações*, e em todo o lugar se me sacrificará, e se me offerecerá uma hostia pura (5).

«Eis ahí *O* darei por testemunha aos povos, por *Capitão* e por *mestre das nações* (6).

«Sou Eu quem annuncio desde o principio o que não deve acontecer senão no fim. Eu jurei por mim mesmo que *todo o joelho* dobrará diante Mim, e que *toda a lingua* jurará em meu nome:

(1) S. João, x, v. 16.

(2) Genesis, xii, v. 3.

(3) Isaias, xi, v. 10.

(4) Id. ii, v. 11.

(5) Malaquias, ii, v. 2.

(6) Isaias, xl, v. 4.

ainda falta um pouco e virá o *Desejado de todas as nações* (1);» etc., etc.

Portanto, deixar-se de professar nacionalmente, constitucionalmente, parlamentarmente, o seu Deus, seria apostatar-o.

Que fique aqui para lembrança dos que me lerem, aquelles lindissimos versos, tirados da mais bella poesia lyrica que conhecemos na lingua portugueza, e que não é senão a traducção inspirada dos livros sagrados.

O' Judá! Israel em vão se empenha

Com mão feroz, e onçada  
Por arrancar-te o sceptro, até que venha  
O guia que *as nações* mova e contenha.

Estrella sublimada  
De ti hude nascer, que a escuridade  
Fulmine com os raios da verdade.

Ergue a face, ó Sion! sacode altiva

O pó do teu semblante:  
Trasborda de alegria pura e viva:  
Eis o teu Redemptor, que a foice esquivava

Do crime vem constante  
Embotar: eis aquelle grande dia  
Que Abraham, que Jacob te prometia.

Inclina-vos, *nações*, e reverentes

Adorai o seu nome:  
Os seus olhos afaveis o elementos  
Illustram do Universo *as varias gentes*:

E já fogo consome  
Os mudos Deuses, que ellas adoraram,  
E com roubado incenso perfumaram (2).

D'aqui aquella opinião espalhada no Oriente, como refere Tacito e Suetonio, que se havia de ver sair da Judeia os que *conservariam o imperio das coisas*. E' verdade que o judaismo havia dado um character material a esse reino do Messias que devia ser todo espirital. Mas, para ser espirital, não devia em caso nenhum deixar de ser temporal; porque *espirital* é abusivamente toma-

(1) Aggeo, ii, v. 7-8.

(2) Do Poeta Rev. Antonio Pereira de Souza Caldas. Este insigne poeta, que nos deixou uma eximia traducção dos *Psalmos*, morreu a 2 de março de 1814, no Rio de Janeiro, onde nasceu.

do na linguagem do dia como opposição a *temporal*: ao menos que não cheguem a pretender que as sociedades do tempo não sejam senão aglomerações carnaes, e que a intelligencia e a consciencia, o espirito e a alma, não tenham n'ellas parte nenhuma.

Assim, pois, se annunciava o Christianismo desde os seculos remotos.

Acaso repudiou elle este grande character, e denegára todos estes oráculos dos quaes havia-se feito preceder? De modo nenhum. O Christianismo veio, ao contrario, revendical-os expressamente.

O Anjo annuncia a Maria que o Filho do Altissimo que deve nascer d'ella *será chamado ao Throno*, e que *seu Reino não terá fim* (1). Elle recebe logo ao nascer as adorações dos reis. O qual se *apparellha ante a face de todos os povos: como lume para ser revelado a TODAS AS NAÇÕES* (2).

A si mesmo faz a applicação d'esta passagem d'Isaias em que está dito *que Elle annunciara a justiça ás NAÇÕES* (3).

A si mesmo se chamou o *Principe dos reis da terra* (4), o *Rei dos reis e o Senhor dos senhores* (5).

Quando elle falla dos Judeus, é como *nacido*, e quando quer fazer sobresair a infidelidade d'elles, é das demais nações, é Tyro e Sidão que lhes oppõe. Elle chora sobre a sua nação. Elle morre pela sua nação, como por libação d'aquella que deve trazer à unidade da sua fé todos os povos da terra (6).

Elle recebe o titulo e as ovações publicas de Rei. E emfim, acaso alguém esqueceu o alcance e o objecto dos poderes que por elle foram dados aos seus apóstolos, o particular da sua missão e da nossa submissão? «*Todo o poder me foi dado no ceu e sobre a terra. Como eu fui enviado, eu vos envio a vós. Ide pois, instrui todas as nações, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, e ensinando-lhes a guardar tudo o que eu vos ordenei.*» Dir-se-hia que Jesus não via senão nações, e que era por cabeças de nações que conta e baptiza os subditos do seu imperio.

E, como applicação litteral d'esta jurisdicção, em quanto Pedro vae ousadamente, como chefe da Igreja, tomar posse da capital das nações, Paulo não hesita intitular-se o *mestre e o doutor das nações* (7); e, embora as varias Igrejas ás quaes escrevia tivessem um diminuto numero de fleis apenas, não

é a este individualmente, mas ás nações mesmas ás quaes elles pertencem a quem se dirige: aos *Romanos*, aos *Corinthios*, aos *Galatas*, aos *Efesios*, aos *Filippenses*, aos *Colossenses*, aos *Thessalonicenses*, aos *Hebreos*.

Mas terei eu necessidade de lembrar todos estes testemunhos?

Aqui não se trata de uma opinião mais ou menos discutivel. Trata-se de um facto, mas que facto! é da historia, da magna historia!

Todos estes textos propheticos, todas estas declarações evangelicas foram litteralmente traduzidos em factos com tal rapidez, precisão e grandeza que cumularam de admiração do duplo prodigio da conversão das nações ao Evangelho e da verdade litteral das propheticas que o haviam annunciando por muito tempo antes.

As faces dos lictores romanos tiveram de inclinar-se diante da cruz.

O Evangelho tornou-se a lei das nações. E pela sua divina influencia, transformou a religião não só dos particulares, mas a dos povos, e não só a religião, senão tambem os costumes, as instituições, as leis, o direito civil, o direito publico, e o direito das gentes, emfim.

Foi o Evangelho que fez da Lusitania a nação portugueza; e esta levára ás mais longinquas terras a civilização do christianismo, formando pelo mundo, em nome do Evangelho, tribus, povos, e nações!

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A União Catholica

#### O Dinheiro de S. Pedro

**B**AVEMOS deliberado publicar n'esta secção todas as Pastoraes dos muito dignos Prelados d'este reino, que nos sejam enviadas por S. Ex.<sup>as</sup> R.<sup>mas</sup>. E tomamos esta de-liberação, porque, fallando-se tanto em União Catholica, nós queremos provar que de alma e coração a ella estamos dedicados; mas á União Catholica, que tem por chefe o Papa, por sub-chefes os Bispos e por membros todos os catholicos. Por isso publicaremos todas as Pastoraes que nos forem enviadas, para nos tornarmos echo da voz dos Prelados que são os representantes do Papa e da Igreja.

E quando todos os catholicos estiverem unidos aos seus Prelados, como estes o estejam ao Chefe Supremo da Igreja, temos bem firmada a União Catholica, a unica a que pertencemos.

Hoje publicamos a

### OITAVA CARTA PASTORAL

DO EM.<sup>mo</sup> SNR. CARDEAL

D. AMERICO, BISPO DO PORTO

ACERCA DO

DINHEIRO DE S. PEDRO

D. AMERICO, Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma, Ferreira dos Santos Silva, do titulo dos Quatro Santos Coroados, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Commendador da de Christo, etc.

Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cabido, Reverendos Pastores, Clero e mais Fieis d'esta Nossa Diocese, Saule, Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador.

Pelos fins do anno passado, em Carta Pastoral com data de 30 de Novembro, solicitámos dos nossos caros diocesanos os seus costumados donativos para o Dinheiro de S. Pedro;—tributo do amor filial d'elles, com que generosamente leem procurado minorar as privações actuaes do Chefe Espiritual da Igreja.

Por esse tempo bem certo estava o Santo Padre Leão XIII, de que mais uma vez se ia affirmar a dedicação dos Fieis da diocese do Porto, pois que, se necessario fosse, Lhe era ella affiançada pela liberalidade espontanea dos annos anteriores; mas por outro lado igualmente conhecia o Supremo Pastor, que o nosso paiz andava ameaçado de ser invadido pelo terrivel flagello asiatico, a caminhar a passos agigantados para a nossa fronteira, e cada dia mais assoladores em seus estragos: e por ultimo não ignorava tambem que, para combater o inimigo commum, a beneficencia publica e a particular, de mãos dadas, se exauriam em precauções, que desviassem de nós a epidemia, e em preparar soccorros com que acudissem ás suas victimas.

Pezou-Lhe então ao Santo Padre, embora necessitado, acceitar donativos da mão de quem podia carecer d'elles para salvação propria; e, ao ver que o perigo estava mais proximo, mandou-nos comunicar pelo seu Nuncio Apostolico, que não cessava de dirigir ao Céu as mais ardentes supplicas, para que afastasse d'este paiz tamanha calamidade; mas que, se Deus permittisse o contrario, era seu desejo e vontade, que as offertas para o *Dinheiro de S. Pedro* fossem applicadas em auxilio do curativo dos atacados, e em allivio dos pobres e desvalidos.

Procurámos conformar-nos com as intenções de Sua Santidade pelo modo que melhor se coadunasse, a nosso vêr,

(1) Luc., 1, 32.

(2) Cantico de Semão. Luc., 11, 32.

(3) Math. 11, 18, 21.

(4) Apocal. 1, 5.

(5) Id. xvii, 14.

(6) S. João, xi, 52.

(7) II Thimoteo 11, v. 11.

com os dictames de seu paternal coração, e com os deveres do nosso filial affecto; e pareceu-nos attender a uns e outros, recebendo dos nossos caros diocesanos o que as circumstancias do tempo permittissem à sua piedade offerter, e declarando-lhes que ficaria em nossa mão tudo quanto nos entregassem, em quanto não estivesse desvanecido o receio de sermos accommettidos pela cholera-morbus.

Assim o communicámos na mencionada Carta Pastoral de 30 de Novembro do anno proximo passado. Recebemos a voluntaria contribuição de cada freguezia da diocese; e cheio de confiança na efficacia das preces do nosso Summo Pontifice, havemos aguardado até ao presente os insondaveis e sempre misericordiosos decretos da Providencia Divina com respeito à nossa querida patria.

Quaes elles tenham sido até ao dia de hoje, ninguém o ignora; e cada um de nós, com a humildade e reconhecimento de um coração verdadeiramente christão, rende graças sem fim a Nosso Senhor, que por sua infinita Bondade, e não por merecimentos proprios, em nós encontrados, com mão carinhosa tem como que desviado de terra portugueza o pavoroso flagello, com que tantas outras hão sido acontadas, e ainda o estão sendo.

E todavia o beneficio recebido até agora não auctorisa a temeridade de contar com elle como certo para o futuro, mórmente quando o mal que se receia não está extinto, mas apenas alongado; e mesmo assim, tão caprichosa é a sua marcha, e tão desconhecidos os meios de a suspender, que já não é caso novo o regresso ao local pouco antes assolado, e muito menos o seria seu apparecimento n'outro, d'onde a todos se afigurára haver-se arredado. Por outro lado, a fé em Deus, ao passo que nos ordena plena confiança e inteira submissão aos seus designios, não menos prescreve o emprego dos meios aconselhados pela sciencia, e bem assim as cautellas da previdencia humana.

Acudiam-nos ao espirito estas considerações, ao approximar-se o tempo do *Dinheiro de S. Pedro*, e ao meditarmos sobre a applicação definitiva a dar ao recebido no anno anterior. Outras, porém, accresciam logo e egualmente ponderosas, ao pensarmos no Santo Padre Leão XIII, cujo rasgo de generosidade e acto de Pae carinhoso não devemos contrariar na minima parcella; mas a quem tambem os nossos caros diocesanos, é a nossa intima convicção, não quererão faltar com o tributo annual da sua muita religião, para Lhe minorarem as privações, para o acompanharem nas suas obras sem conta de caridade, e

o auxiliarem nas incalculaveis despezas impostas pelo cargo de Supremo Chefe da Egreja.

Conservar então ao Santo Padre o excelso merito da sua paternal solicitude pelo bem estar dos filhos espirituaes de Portugal, sem impedir estes de mais uma vez Lhe testemunharem sua dedicação e corresponderem com equal affecto; concorrer para allivio dos peza-dos encargos pecuniarios e sempre permanentes do Supremo Pastor, sem receio de que um dia a offerta pudesse vir a ser precisa a irmãos na hora da calamidade publica: taes eram os dous deveres que nos corria a obrigação de cumprir, e por forma que um não parecesse sacrificado ou sequer preferido ao outro.

Para este fim entendemos não ter caminho mais acertado a seguir, do que o proprio que nos era indicado na tão generosa quanto applaudida determinação do Santo Padre no anno anterior; e era elle—fazermos entrega em suas mãos do producto total da collecta por Nós recebida, e continuarmos a solicitar os donativos dos nossos caros diocesanos, mas sempre em conformidade com as intenções de Sua Santidade. A importancia d'elles ficará em nosso poder como deposito sagrado, para em seu nome ser applicado em auxilio do curativo e allivio dos pobres e desvalidos, no caso da diocese ser ainda infelizmente invadida pela cholera-morbus; envial-a-hemos, porém, como agora ao seu alto destino, se, como esperamos em Deus, mais uma vez formos preservados dos seus estragos.

Quizeramos dar por esta occasião, a semelhança do que nas antecedentes fizemos, aos nossos caros diocesanos a satisfação de lerem ou ouvirem o agradecimento de Leão XIII; mas ainda não houve tempo de Nos chegar à mão, pois que poucos dias hão passado desde que Lhe remettemos a offerta d'elles por intermedio do Exc.<sup>mo</sup> Nuncio Apostolico n'estes Reinos. Supprirá, porém, essa falta a carta d'este que, fiel representante do Santo Padre no cargo que exerce, não o é menos no seu reconhecimento, e na qual diz o seguinte:

*Nunciatura Apostolica em Lisboa*

«Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.—Accuso o officio com que V. Em.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> se serve de me communicar que não tendo felizmente a epidemia cholera-morbus invadido no anno corrente este paiz, ficava sem effeito a determinação de Sua Santidade que eu participara a V. Em.<sup>a</sup> em 14 de setembro do anno proximo passado, em consequencia do que me remettia uma ordem de 2:955\$365,

reis sobre a Casa Bancaria Fonseca, Santos e Vianna d'esta cidade.

«Agradeço a V. Em.<sup>a</sup> esta participação e aquella ordem que representa o total das offertas que os fleis d'essa diocese fizeram ao Santo Padre no anno de 1885 para o *Dinheiro de S. Pedro*.

«Recebi effectivamente a dita ordem, e em d'estes dias a mandarei apresentar para receber a sua importancia. «Tambem recebi carta de V. Em.<sup>a</sup> para Sua Santidade, que vinha com o dito officio, a qual mandei logo ao seu alto destino, annunciando que recebi a offerta, e que tambem a vou remetter.

«Deus guarde a V. E.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> Lisboa, 9 de Novembro de 1886.—Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto.

«(Assignado) Vicente, Arcebispo de Sardia.  
Nuncio Apostolico.»

Declaramos por tanto aberta no presente anno de 1886 e na forma dos anteriores a subscrição dos subsidios dos fleis d'esta Diocese para o Santo Padre, denominada *Dinheiro de S. Pedro*, os quaes os Reverendos Parochos poderão receber até ao fim do proximo mez de Fevereiro: e muito lhes rogamos que, accellando os nossos mais cordeaes agradecimentos pela valiosa cooperação que Nos hão sempre prestado n'esta religiosa obra, a mesma Nos continuam com o costumado zelo, e até ao fim do mencionado prazo queiram entregar os donativos recebidos ao respectivo Reverendissimo Vigario da Vara, ou, se lhes fôr mais commodo, ao Reverendo Escrivão da Camara Ecclesiastica.

Esta Nossa Carta Pastoral será remettida a todos elles para a lerem à Estação da Missa conventual no primeiro domingo ou dia santo depois da sua recepção, e darão conhecimento a seus parochianos da verba offerecida pela sua freguezia conforme a conta geral junta, e de quanto por ella, grande ou pequena, lhes estamos agradecido.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso signal e sello de Nossas Armas, aos 15 de Novembro de 1886.

(Logar ✕ do Sello.)

AMERICO, Cardeal Bispo do Porto.

Conego José Antonio Corrêa da Silva,  
Secretario.»

## SECÇÃO SCIENTIFICA

## Os principios catholicos perante a razão

(Continuando da pagina 52)

XIV

## Os mysterios da religião

As perfeições divinas. A substancia e o modo são duas cousas distinctas.— Não ha contradicção no modo de expressar os mysterios.— Explicação da Trindade por S. Agostinho.— Platão.— Reflexões sobre os mysterios.— Os mysterios da natureza.— Discordancia entre os systems oppositos a religião. O deista não sabe explicar os attributos divinos. Os racionalistas negam o que não podem comprehender.— Necessidade da fé.— J. J. Rousseau.

EM a analogia não pode o entendimento humano formar idéa alguma, e por esta causa é incomprehensivel tudo aquillo que não está sujeito á comparação.

Por comparação com os seus proprios e limitados attributos, forma o homem um conceito das perfeições divinas; mas carecendo este cotejo de exactidão, segue-se d'aqui a necessidade de unir á idéa de Deus a dos seus mysterios.

Assim como na ordem natural existem segredos, que são inexplicaveis, e sem embargo do que ninguem se atreve a negar-los razoavelmente; assim tambem existem mysterios na religião, cuja verdade o nosso critério não deve repellir, ainda que sejam incomprehensíveis pela sua elevação sobre a intelligencia humana.

Duas cousas devem distinguir-se nos mysterios: a substancia e o modo (1). A primeira circumstancia conhece-a o nosso entendimento, mas a segunda, Deus occulta-a. O mysterio da Encarnação suppõe os da Trindade e da Redempção; este dogma suppõe igualmente a culpa original, e relaciona-se com o da graça.

Deus revelou ao homem que estes mysterios se obraram, occultando a maneira como se operaram. Comprehendemos certamente a existencia, e ignoramos o modo; e ainda quando por esta causa os mysterios sejam incomprehensíveis, temos acerca d'elles as idéas necessarias para os não confundir nem confundir a nossa razão, permitindo-lhe ultrapassar os seus limites, como succederá se a deixarmos indagar os arcanos do Omnipotente.

Conhecemos o perfeito enlace que une os mysterios, e que é impossivel negar um sem os negar todos e sem negar a religião, que não pode existir despojada dos seus dogmas.

Comprehendemos finalmente que os mysterios não são contradictorios, nem se oppõem á razão humana, posto que sejam superiores a ella.

(1) Os theologos dizem *quo modo*.

A fé manda-nos crer que Deus é triuno e uno, mas não debaixo do mesmo respeito, porque não dizemos que tres pessoas constituam uma pessoa, nem que tres deuses façam um deus: crêmos somente na unidade da natureza divina e na trindade das pessoas: afirmamos a unidade debaixo d'um aspecto e a trindade debaixo d'outro; não ha, pois, contradicção alguma na maneira de expressar este mysterio; dogma que S. Agostinho explica com a possível lucidez, representando-o na trindade que forma a nossa alma com o entendimento e vontade, que são uma so essencia.

Platão chegou a descobrir a existencia do mysterio, quando nas suas obras se refere ao *poder increado, que era um e trino e Creador de tudo?* Não é certamente contrario á razão este profundo e mysterioso dogma, posto que seja superior a ella, porque se é obscuro, não é chimerico nem absurdo.

As duas naturezas de Jesus Christo são consequencia necessaria do dogma da redempção, porque a gravissima culpa original, não podendo ser satisfeita senão por Deus, que é impossivel, forçosa foi a união das duas naturezas, uma divina, inherente á essencia de Deus, e a humana destinada ao sacrificio.

Nada ha tampouco n'este dogma que seja contrario á razão, do mesmo modo que não existem contradicções nos restantes mysterios da nossa crença catholica.

A razão é insufficiente sem auxilio algum para descobrir o culto verdadeiro, e porque o entendimento é limitado, limitadas hão ser precisamente todas as produções do entendimento humano.

E' em verdade uma loucura o desmedido afão em desvairar a nossa razão querendo levar-a além dos seus limites naturaes; e assim como a moeda falsa engana muitas vezes o homem pouco esperto, assim os falsos raciocinios com a sua apparente lucidez seduz o racionalista, que orgulhosamente confia nas forças da sua intelligencia.

Tem desculpa a incredulidade no que é opposto á razão, por contradictorio, chimerico e absurdo; e não obstante, quantas vezes o entendimento, prebucupado pelo falso brilho do erro, não incorre no absurdo, no chimerico e no contradictorio!

E' contradictorio o systema theologico dos manicheus, com a sua dualidade de principios eternos, necessarios e independentes entre si, um bom, outro mau, que existindo em perpetua lucta necessariamente se repellem, e cujas naturezas se contradizem e repudiam; pois semelhantes paradoxos chegaram a formar escola. Negarão os protestantes que teem adoptado não poucos er-

ros de tão absurda seita? Poderão negar o seu manicheismo os que sem razão alguma se atreveram e atrevem a sustentar no sanctuario das leis que é Deus o auctor do mal? (1)

A substancia dos seres materiaes é incomprehensivel, quando despojados das suas qualidades sensiveis não se acham debaixo da inspecção dos sentidos; assim é como para conhecermos a existencia dos corpos se torna necessario percebermos os seus accidentes de côr, figura, etc.; e apesar de guia tão seguro, quantas vezes os sentidos não enganam o misero mortal! e este mesmo homem pretende conhecer os profundos mysterios da religião! Ha segredos nas sciencias que o sabio comprehendendo unicamente, sem que lhe seja licito ter duvida nenhuma acerca d'elles, e das nossas investigações guarda a natureza os seus mysterios. A suspensão dos astros no espaço immenso e o movimento regular do systema planetario, são phenomenos que não estão sufficientemente explicados; e que pediriamos nós do homem que se atrevesse a negar estas verdades? Que juizo formamos nós d'um homem ignorante quando nega a existencia dos nossos antipodas, porque não comprehendendo a possibilidade da posição que occupam em sentido inverso ao seu? Não é tão grande a distancia que separa os sábios e os ignorantes, que seja insuperavel, quando ha disposições e desejo de aprender; mas a distancia que separa os homens do seu Creador não pode vencer-se, porque é a differença que existe entre o finito e o infinito; e se censuramos aquelle que por desconhecimentos as sciencias nega as suas verdades, quanto mais censuravel não será o homem, intelligencia finita, que se atreve a negar os mysterios do seu Deus, ente infinito, porque não pode comprehendel-os! Crê porventura que os dogmas offendem a sua razão?... Nada offende a razão porque seja superior ao seu alcance.

Ha phenomenos que o homem não pode explicar, porque são incomprehensíveis. Hoje accetta uma theoria, que logo abandona, e novos descobrimentos demonstram como certo aquelle que ha pouco reputava como duvidoso.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigu.

(1) Nas Côrtes Hespanholas de 1869 proferiram-se estas e outras blasphemias por deputados cujos nomes devemos caritativamente reservar, supposto que um dia virá em que hão de envergonhar-se e arrepende-se da sua impiedade e precipitação.

## Sciencia para todos

(Continuado do n.º anterior)

### VII

#### Gravura

Os antigos não conheciam senão a gravura em relevo nas pedras e crystaes.

Os Phenicios, Hebreus e alguns mais povos Orientaes receberam-a dos Egyptios transmittindo-a aos Gregos e estes aos Romanos.

Os Egyptios, diz Winckelmann, da mesma forma que os Gregos e Etruscos levaram á maior perfeição a arte de gravar sobre pedras preciosas.

A historia narra que Pompeu encontrara nos thesouros de Mithridates dous mil vasos de pedras preciosas.

Esta arte como outras muitas perdidas ou abandonadas não reapareceu senão no XV seculo.

1.º GRAVURA EM METAL.—Podemos dividil-a em duas partes: *gravura em cobre e gravura em aço.*

*Gravura em cobre*—Compõe-se de traços cavados que se enchem de tinta e que se imprimem sobre papel humido fazendo passar a plancha entre dous cylindros. Foi apenas no meiado do XV seculo que se fez a descoberta d'esta arte tão util: attribue-se a invenção a um artista de Florença chamado Masso Finigguena; estava elle gravando sobre uma lamina de prata alguns desenhos para conservar um modelo tratou em seguida por acaso cobrir o seu desenho com uma camada de carvão de fumo (noir de fumée) (1) dissolvido em oleo e impellir o disco ou lamina coberta n'um papel humido. A operação produziu um exito feliz e d'ahi proveio a gravura em cobre.

*Gravura em aço*—Lê-se na Decada philosophica VII anno tomo V e pag. 52 que Mr. Simon gravante de pedras preciosas descobrira o processo de gravar sobre aço temperado.

MM. Perkins Faismun e Heath inventaram um processo economico de gravura sobre aço e obteve um grande numero de planchas com uma unica gravura.

*Gravura em madeira*—Esta gravura é a mais antiga e é contemporanea da imprensa.

Em 1430 já se gravaram em madeira as estampas para a Biblia.

Hunckin encontrou na bibliotheca de Churtrix em Bucknein uma gravura representando Jesus Christo, com a

(1) O carvão de fumo ou (noir de fumée) obtem-se todas as vezes que aproximamos d'uma chamma um corpo polido como porcellana, dispõe-se então uma forte camada d'este carvão.

data 1423 e é muito crível que esta arte já fosse cultivada antes d'essa epocha; mas foi sómente nos principios do seculo XVI que a gravura em madeira adquiriu uma grande perfeição; n'esta epocha Alberto Durer gravou em madeira desenhos tam bellos que insignes gravadores italianos d'aquelle tempo desejaram imital-os tomando-os para modêlo; os inglezes aperfeiçoaram muito esta arte e entre nós os portuguezes já no XVI seculo se gravava com perfeição como o provam algumas gravuras d'aquelle tempo.

*Gravura em claro escuro*—Esta especie de gravura nasceu entre os povos Orientaes onde ella subsiste desde tempos immemoriaes.

As letras vermelhas que se veem nos principios dos capitulos dos livros impressos por Guttemberg em 1470 suggeriram sem duvida a alguns pintores allemães a ideia d'imitar os desenhos feitos com pedra negra sobre papel azul.

Veem-se estampas d'este genero datadas de 1504 e com bastante perfeição. Esta arte foi depois muito aperfeiçoada na Italia.

Hugo de Carpi publicou em 1520 um processo de gravura sobre madeira por meio do qual as estampas pareciam lavradas com claro escuro.

Raphael tambem gravou em claro escuro collocando nos seus trabalhos para os distinguir dos outros a inicial do seu nome, a letra R.

*Gravura das flores*—A gravura não foi applicada senão muito tarde e imperfeitamente á representação das flores e não podia representar senão a forma e os contornos.

O primeiro processo de que se usou foi o enlumiare; isto é imprimir um traço negro, e depois imprimir com um pincel as diversas côres; este processo foi depois usado em Inglaterra e Alemanha onde produziu optimos resultados.

Depois do processo da enlumiare veio um outro inventado por Bulliard descriptos na sua obra *Herbier de la France*: consistia este processo em empregar diversas planchas para cada flôr e na razão do numero das cores; mas este processo era muito dispendioso e alem d'isso produzia com pouca perfeição; foi esta a razão porque depois de ser usado por algum tempo foi afinal abandonado, porque eram precisas tantas planchas quantas cores se quizessem dar ás flores.

O terceiro methodo foi devido a Redouté; este eminente artista francez produziu uma multidão immensa d'obras com que inundou a França e os paizes estrangeiros: o processo de Redouté consiste no emprego de diversas cores servindo sómente uma plancha, evi-

tando-se d'esta forma esta multidão de planchas dispendiosas do processo de Bulliard.

Quando se obtem as cores primitivas ou secundarias nada mais resta do que um pequeno trabalho para reparar com o pincel os defeitos quasi imperceptiveis que se possam encontrar nas partes visuihas e para se executarem quaesquer minudencias microscopicas que o buril não possa representar.

(Continua.)

Vasco de Macedo.

## SECÇÃO HISTORICA

### Fr. Simão da Rainha Santa

Religioso professo da Ordem de S. Francisco

#### II

Fr. Simão da Rainha Santa, como dissemos no artigo antecedente, achava-se no convento de S. Francisco, da cidade do Porto, quando em 1834 as ordens religiosas foram injusta, cruel e sacrilegamente extinctas em Portugal.

Ao chegarmos a este ponto não podemos passar ávante, sem fazer uma breve reflexão que nos parece vir muito a proposito.

Certas pessoas, cujo forte não é a religião, nem a tolerancia, nem a verdadeira liberdade, apesar de presumirem de muito liberaes, teem clamorosamente accusado de degeneração as ordens religiosas em Portugal, no ultimo periodo da sua existencia. E, entre outros motivos, allegam este como causa justa e sufficiente da extincção das corporações regulares.

Respondemos que esta arguição em sentido absoluto é infundada. Sempre houve no claustro homens de virtude inteiramente devotados ás funcções do seu santo ministerio. verdadeiros religiosos, como o nosso biographado. A mesma razão está dizendo que Fr. Simão da Rainha Santa não devia ser na sua Ordem o unico religioso perfeito. Do contrario, como podia elle conservar-se no scio d'uma sociedade degenerada?

Ouçamos o que diz Rodrigues de Bastos nos *Dois Artistas*:

«Não se diga que taes Ordens tinham degenerado; que faziam monopolio das suas riquezas; que eram improductivas; e que a sua existencia era perigosa á liberdade.

«A asserção absoluta da sua degeneração é uma asserção absurda e atroz. Na maior parte d'ellas não havia degeneração alguma, como é bem notorio.

E quando n'uma ou n'outra a houvesse, seria de alguns dos seus membros, nunca da Instituição.

«N'esses membros, pois, n'esses individuos é que devia recahir a pena da sua relaxação, e não na corporação, cujos exemplos elles não tinham seguido, ou cujas leis tinham violado.»

Assim se exprime um homem de virtudes praticas, o auctor da *Virgem da Polonia*.

O clero secular, apesar de que em todos os tempos apresentou modelos nas sciencias e em todo o genero de litteratura, em geral nunca pôde adquirir aquelles conhecimentos scientificos, que com mais facilidade adquire o clero regular.

Em todas as epochas os frades se distinguiram pela sua variada erudição em todos os assumptos. Entre elles só era ignorante aquelle a quem a natureza não tinha talhado para o estudo, e possuia uma inteira negação para as sciencias.

Comtudo esse mesmo sabia mais alguma cousa que o homem que vivia no tumulto do seculo, sem os meios que subministra o claustro.

E' uma observação que pedimos que todos façam. Quem lê ou estuda sabe mais do que aquelle que o não faz. Logo o frade, de pouca intelligencia, devia saber alguma cousa, porque o frade era obrigado a ler e a estudar.

Dizia-se: o frade fulano é um estúpido;—e que seria elle se não fosse frade?

O claustro foi sempre officina de sabios e de santos, como o nosso Fr. Simão da Rainha Santa, expulso da sua casa em 1834.

E continuemos a sua biographia.

Em seguida áquella epocha fez elle a sua primeira viagem a Roma onde residiu por alguns annos, em um dos conventos da sua Ordem, merecendo a intimidade do cardeal Franzoni, e tendo a honra de ser por muitas vezes affavelmente recebido pelo Santo Padre Gregorio XVI.

Fr. Simão offereceu ao Pontifice um retrato de D. Antonio Luiz da Veiga, Bispo de Bragança. O Papa contemplou-o por muito tempo, e depois disse estas palavras:—Este homem tem cara de santo.

E tanto o considerou o Santo Padre, que collocou o alludido retrato á cabeceira do seu leito.

Na cidade dos Papas, Fr. Simão não esteve ocioso: trabalhou em dar andamento ao processo da beatificação do seu sabio e santo Mestre, a qual teria já sido levada a effeito, se não fossem as calumnias com que os adversarios da virtude procuram offuscar a santidade de tão insigne varão, de quem

então o nosso Fr. Simão escreveu a vida em italiano.

Regressou a Portugal apenas lhe constou ter terminado o scisma que desde 1834 pusera em consternação e desordem a Igreja n'este roino.

Em breve, porém, emprehendeu segunda viagem á cidade eterna, a fim de diligenciar a approvação canonica das Constituições dos Recolhimentos fundados pelo santo Bispo de Bragança.

Muito facilmente o conseguiu, como consta do Decreto expedido pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares de 20 de maio de 1844, em que o Santo Padre Gregorio XVI approva e confirma com a sua auctoridade apostolica os Recolhimentos das Oblatas do Menino Jesus, fundados por D. Antonio Luiz da Veiga, e as Constituições por que se regem e que ainda vigoram.

Depois d'isto Fr. Simão foi o portador d'estas graças de Sua Santidade aos referidos Recolhimentos, demorando-se por algum tempo junto dos mesmos na cidade de Bragança.

Aqui verto em linguagem a biographia de D. Antonio, que em Roma havia escripto em italiano.

O seu vasto saber e virtudes lhe mereceram o respeito publico e a veneração de quantos viveram a honra de o conhecer e tratar.

De alta estatura, testa espaçosa, rosto comprido, cor branca inclinando ligeiramente a vermelha, de maneiras affaveis, Fr. Simão era sympathico a quantos o viam.

Todavia n'aquella epocha a sua saúde achava-se muito deteriorada e as suas forças enfraquecidas pelos incommodos soffridos pela expulsão do seu convento, e principalmente nas duas viagens que fez a Roma.

Crescido em virtudes, enriquecido de especialissimos dons da Divina Graça, sentindo-se desfallecer, retirou-se a uma quinta chamada das Felgueiras, freguezia de Penhas Juntas, proximo do Recolhimento de Fornos de Sedra, onde falleceu em cheiro de santidade a 26 de setembro de 1859.

Foi a sua morte geralmente sentida em todos os povos circumvisinhos.

Fr. Simão da Rainha Santa foi uma veneranda reliquia d'esses homens que o furacão da impiedade varreu de Portugal.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Os jesuitas e a imprensa revolucionaria em Portugal

II

**U**RA do *Jornal de Basto* que nos occupavamos, e vamos hoje ainda fazer-lhe a alta honra de nos occuparmos de tão importante figurão.

Prostrado por terra o primeiro bicharoco com que o escrevinhador de Basto tentava amedrontar a caça miuda, vamos applicar a nossa critica desprezenciosa ao resto do artigo, e, praça a Deus, que hoje arrumemos tão fastidioso escrevinhador.

O infeliz do *rabisca*, á mingua de provas tonteja que é um louvar a Deus. Vejamos o que elle diz, em meio da sua desesperação:

1.º «Pelo ensino das creanças que lhe confiam, fazem partidarios que hão-de aproveitar-lhe.

2.º «Pela protecção aos enfermos conquistam a gratidão da humanidade.

3.º «Pelo confissionario entram na posse dos segredos e viver intimo das familias e subjugam as consciencias.»

Prova, portanto, n'estes tres pontos, o *Jornal de Basto*, que os Jesuitas e as Irmãs de Caridade são instituições de tal ordem, tão bemfazejas, tanto em harmonia com as aspirações do povo, que este, entregando-lhe os filhos, confiando-lhe os doentes, e compartilhando com elles os segredos da familia, é porque tem n'elles mais confiança do que em outra qualquer classe da sociedade. Muito obrigado pela confissão, snr. de Basto!!

«Ensinemos nós com proveito, exclama o homem n'um rasgo de philantropica ousadia; pratiquemos a caridade sem contrafacção.....»

Pelo amor de Deus, senhores, como podem ensinar, senão sabem para si? Não veem que o ensino sem Deus, sem religião, leva o homem, que podia ser um bom cidadão, á cadeia, acimado muitas vezes de roubar as familias, e até outros, e isto o que é mais ainda, o Estado? E praticar a caridade, como se estão acostumados a praticar a contrafeita, pois que se assim não fosse não a aconselhavam sem contrafacção? Quem pode ensinar a juventude e praticar a caridade, quando não tem noções do que seja o ensino e a caridade?

Não estamos vendo todos os dias as creanças abandonar as escolas que frequentavam ha annos, para darem ingresso nas que são dirigidas por membros das Ordens Religiosas? E não são os proprios inimigos dos Jesuitas e das Irmãs de Caridade que confiam os filhos a estes verdadeiros mestres?



### O PROPHETA ELIAS

*Ensinemos nós com proveito!* Olhem o *Jornal de Basto* a ensinar! Estava a sociedade bem arranjada se a mocidade fosse educada pelos inimigos da Igreja; era uma devastação horrorosa: nem as recebedorias comarcãs escapavam!...

Antes de mais nada agradecemos ao articulista o não se occupar do que *entre nós succedeu*, porque isso dar-nos-hia o incommodo de o desmentir como vamos desmentir o que diz com referencia à Russia. E' invenção anti-jesuitica o *ukase* do imperador, a que se referiu o *bastissimo* jornal, porquanto, tendo sido enviado o breve *Dominus ac Redemptor* para a Russia, Catharina II, longe de expulsar de seus estados catholicos os jesuitas, concedeu-lhes as attribuições episcopaes de que estavam investidos os missionarios, e pediu ao

Papa, que os confirmasse, escrevendo-lhe por essa occasião, o seguinte:

«O receio mal se coaduna com o character de vossa santidade, e a sua dignidade não pode combinar-se com a politica mundana, logo que ella se acha opposta à religião. Se protejo estes pobres religiosos perseguidos, não é capricho, mas razão e justiça, com a esperanza da utilidade que d'elles tirarão os meus povos. Esta sociedade de homens pacificos e innocentes vivia no meu imperio, porque entendo, que de todas as corporações é a mais propria para instruir a mocidade e as classes pobres, inspirando-lhes sentimentos de humanidade, de submissão, e os verdadeiros principios da religião christã.

Não tenho a temer cabalas nem manejos de padres, e, sob as minhas leis, não os persegue ninguem senão por

meio de razões evidentes. Nunca pude ver as provas das maldades de que a Ordem foi accusada, é ousado dizer que tambem Vossa Santidade não as viu.»

Eis o que Catharina II da Russia dizia ao Papa, acrescentando, que ella se encarregaria de dar satisfação às cortes hostis à Ordem, e que não receiava que por isso, ellas lhe declarassem guerra.

E na Prussia, ainda o negocio foi mais serio, pois que Frederico II, o inimigo da Igreja e grande amigalhoto de Voltaire, chegou a prohibir a publicação do breve, que expulsava os jesuitas, nos seus estados, declarando que *queria conservar nos jesuitas os melhores padres e os melhores educadores que conhecia*. E quando os philosophos mais o atacaram elle, o philosopho, ordenou que os jesuitas largassem o ha-

bito, mas continuassem a ser os padres do instituto geral das escolas.

Aqui tem os leitores o quanto eram mal vistos os jesuitas pelos mais avantajados personagens da epoca de perseguição, o que, comparado com o ran-cor que lhe tem certos ninguens dos nossos dias, nos faz pasmar pasmosamente.

Que, sejamos francos, não admira que os inimigos dos jesuitas continuem, porque os criminosos, da laia do marquez de Pombal continuaram sempre tam-bem, infelizmente, e para desgraça d'este malfadado paiz. Os empregados do Estado, os delapidadores da fazenda pu-blica terão sempre no *grande* marquez um idolo; mas, terão também n'elle, um companheiro nos carcereiros ou nos pre-sídios. Como os inimigos dos jesuitas de hoje, o marquez de Pombal teve crimes, e crimes que mereceram de El-Rei a sentença seguinte:

«Por justos motivos que me foram presentes, julguei não convir ao meu real serviço que n'elle continuasse o marquez de Pombal no exercicio de se-cretario d'estado dos negocios do rei-no, ordenando-lhe que sabbisse da mi-nha corte e fizesse a sua assistencia na villa de Pombal, não esperando que, depois d'esta demonstração, se atravessasse, com affectada e frivola occasião de formar uma contrariedade com um plei-to civil que se movia, a fazer uma apo-logia do seu passado ministerio, a qual fui servido desapprovar pelo meu real decreto de 3 de setembro de 1779, e mandando-o ouvir e interrogar sobre varios casos que contra elle resulta-vam, não só se não exonerou d'elles, mas até antes com as suas respostas e diferentes averiguações a que man-dei proceder, se qualificaram e aggrava-varam mais as suas culpas; e que, sen-do tudo visto por uma junta de minis-tros, a que me pareceu encarregar este negocio, foi vencido por elles que o dito marquez de Pombal era reu e me-recedor de exemplar castigo; a que, porem, não mandei proceder, atten-dendo ás graves molestias e decrepi-ta idade em que se acha, lembrando-me mais da clemencia do que da justi-ça, e também porque o dito marquez me pediu perdão, detestando o teme-rario exagero que commettera, pelo que sou servido perdoar-lhe as penas cor-poraes, que lhe deveriam ser impos-tas, ordenando-lhe que se conserve na corte na distancia de vinte leguas, em-quanto por mim lhe não for determi-nado o contrario; deixando, porem, il-lesos e salvos os direitos e justas pre-tenções que possa ter a minha corôa e fazenda, e igualmente os que devam ter alguns dos meus vassallos, (olhe que n'estes entram os jesuitas também) para que em juizos competentes pos-

sam conseguir o ser indemnizados das perdas, damnos e interesses em que o dito marquez os tiver prejudicado, por-que a minha real intenção é só per-doar-lhe a pena allictiva da satisfação da justiça, e não a satisfatoria das par-tes e do meu patrimonio real, podendo as mesmas partes e os meus procura-dores regios, usar dos meios que fo-rem legitimamente competentes contra a casa do referido marquez, assim em sua vida, como depois da sua morte.

A meza do desembargo do paço haja assim entendido e faça executar, re-metendo d'este decreto, a copia a to-dos os tribunaes e mais estações a que foi dirigido o mencionado decreto de 3 de setembro de 1779, fazendo-o inti-mar aos meus procuradores regios.

Palacio de Queluz, a 16 de agosto de 1781. Com rubrica de sua Magestade.»

Aqui tem o *Jornal de Basto* um do-cumento que rehabilitava os jesuitas e todas as victimas do marquez de Pom-bal; e aqui tem os leitores um docu-mento que prova largamente que o ini-migo dos jesuitas em Portugal nos fins do seculo passado, era digno dos que no ultimo quartel do presente seculo fazem a mesma guerra; instaurasse-se-lhe um processo, e o resultado seria a expulsão de todos elles do reino, como o marquez de Pombal o foi da côrte.

E temos arrumado o *Jornal de Basto*, dando-lhe uma lição que elle nunca ima-ginou alcançar, e mostrando aos nossos bondosos assignantes que os inimigos dos jesuitas e das Irmãs da Caridade, a aferirem-se pela mesma bitola do *re-ferido*, são a ignorancia em variedade de typos e formatos, mas sempre a ignorancia crassissima, a pedantesca pe-dantice de quem tem por unica habi-lidade metter os pés pelas mãos em qualquer exercicio que faça.

O que é necessario é sahir-lhe quem lhe tome as bridas e os faça recuar, porque depois d'isto ninguem mais os apanha, a não ser em bravio pinotear que amedronta os mais adestrados ca-valhariços. Nós, quando assim os acha-mos, olhamos de largo e damos-lhe to-da a estrada.

*Elias de Sampaio.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### Seminarista

(Ao Dr. M. J. dos Santos)

Corriam-lhe o perfil sereno e franco, tremulos raios de pallida alegria. Sobre os hombros a meiga fronte erguia, como da haste se ergue um lyrio branco.

Sosinho ao peitoral da estreita oella, ou no olmeão, passando a meditar do pensador se tinha o grave olhar, lembrava, ao mesmo tempo, uma donzella.

Em alegre convivio, enfeitava, da sciencia o legionario mais sáuido. Como os heroes sorrindo, o elmo e escudo, para as lutas da fé, apparelhava.

Quando em longo cartejo, penetrava no templo, aos sons angrados da harmonia, não sei com que amoravel sympathy, sempre o olhar, no seu vulto, se pregava!...

Em pobre albergue de modesta aldeia, senti da vida repontar-lhe a luz. Juncto do berço plantar-lhe uma cruz, foi-lhe o infortunio, que jamais se enfreia.

Sem pão sobejo e maternal carinho, formou-se a debil planta melindrosa. Rio-lhe a fortuna um dia mais donosa: luz e conforto entraram no seu ninho.

Por sangue e de virtudes nobre dama, lealdade premiando em servo antigo, o filho á paz austera e santo abrigo de agrado instituto incita e chama!...

E foi por Deus de tal sollicitude, o fructo bem accete e abençoado! Espirito dos ceos enamorado, cresceia em cada dia, na virtude!...

Volver a vida juncto dos sacraricos, nutrir ovelhas nos pastios celestes; correr ao debil, com soccorros prestes, semear de margaritas os calvarios;

levar ao longe, ás torridas paragens, benções e paz, e a voz do Nazareno; e, a apontar para a cruz, cair sereno, martyr e sancto, aos golpes dos selvagens;

eis tudo o que no peito lhe infiltrava fina gotta de roscoio e de alegria! Eis tudo em que sua alma se revia, ao provir, quando os olhos inclinava!...

Mas não apronve a Deus, no austero moço, á grei mais um apostolo enviar! Oh santo anheio, foste naufragar, de verdes annos no cruel destroço!...

E elle era ingenuo, franco, meigo e loiro, de uma alegria facil e prudente! Fazia mesmo bem revêr-se a gente, n'aquella fronte coroadada de ouro!...

*Mattos Ferreira.*

### Pedantes confundidos

HA algumas semanas certos negocios chamaram-me a Sille. Apenas des-embarcado encontro-me com o ami-go Bernardo, a quem havia quatro an-nos não via.

Sem duvida não conheceis Jorge Ber-nardo. Pois bem: imaginai um bom moço de fôrmas herculeas e de mem-bros de athleta, usando com orgulho do uniforme de tenente da marinha. Reuni a esse porte de principe um ros-to dos mais agradaveis e tereis uma

idéa do amigo com quem passei o dia n'aquella capital.

A tarde achavamo-nos em uma das salas da estação, esperando a hora da partida do trem expresso, quando vimos passar um sacerdote de elevado porte e bello rosto, um tanto acabrunhado pela idade e fadigas, e com uma longa barba.

De prompto o meu amigo disse-me:

—Vês este religioso? penso reconhecel-o. Sem enganar-me, é um missionario que conheci em penosas circumstancias. Vamos fallar-lhe; desejo reatar o conhecimento.

Nesse momento o sacerdote passava diante de um dos ricos cafés situados na larga rua. Cinco ou seis rapazes, ao approximar-se o sacerdote, começaram a insultar-o.

—Vejam um d'esses cobardes preguiçosos!

—Preguiçoso, não tens animo de cortar essa barba?

Ao ouvir estas injurias, Bernardo apertou-me o braço a fazer-me gritar.

—Por Deus! isso não ficará sem resposta, é preciso que eu falle a esses miseraveis!

Eu tratei de o acalmar.

—Deixai-os fallar. Imita a esse sacerdote; não vês como elle os despreza?

—Mas eu não entendo assim. Sacerdote e soldado são irmãos; quem insulta a um ataca o outro. Espera, vou dar-lhes uma lição.

Jorge chama o sacerdote:

—Meu padre, meu padre!

E o religioso aproxima-se. Fallam-se, reconhecem-se e de prompto abraçam-se em plena rua.

—Meu padre, sou mui feliz de tornar a ver-vos; ficareis commigo.

—Desejaria muito, tenente, porém devo tomar o expresso em 40 minutos.

—Dai-me ao menos este pouco tempo. Tende paciencia, segui-me, entre-mos aqui.

—Porém, tenente, pensais no que dirão vendo um missionario no café?

—Estais a mais de duas mil leguas da vossa missão, meu padre, e não nos demoraremos mais que um minuto. E' tempo de ajnstar uma pequena conta.

Como resistir á força herculea de meu amigo? O sacerdote deixou-se levar, e os tres entramos na vasta sala, profusamente illuminada e cheia de gente.

—Nossos *civilizados* estão ali? disse para mim, e em sua attitude admiravel examinava todos os grupos, quando ouviu estas palavras:

—Olha, vê o preguiçoso. Muito bem. Vamos rir-nos!

Bernardo tomou uma mesa immo-diata á em que se achavam os jovens insultantes. Fez sentar o padre entre mim e elle, e deixando o sobretudo,

mostrou seu uniforme de tenente da marinha, e pondo sobre a mesa o cinto e dous grandes rewovers, disse com voz grossa:

—Faz calor aqui, meu padre, porém não tanto como no dia em que vos arranquei das mãos dos negros em vossa missão de Joucki!

Não se necessitava mais para attrahir a attenção sobre nosso grupo.

Era o que queria Bernardo.

Então, levantando-se, foi direito á mesa dos nossos visinhos, e dirigindo-se a um dos da troça, que parecia o mais *civilizado* e insultante que os outros, interpellou-o directamente:

—Dizei-me, moço, quem sois para atrever-vos a insultar este sacerdote?

—Acaso o conheceis para o tratardes de cobarde e indolente? Sabeis que se ha aqui algum cobarde, não é nem eu, nem elle; sois vós. E' a vós a quem me dirijo, eu Jorge Bernardo, tenente de marinha. Haveis insultado o meu amigo. Eu devo vingal-o.

Ouvindo estas palavras o moço empallideceu e começou a tremer.

—O' não tremais, disse Bernardo, não mancharei minha espada contra um miseravel. Porém fallar-vos-hei do homem a quem vós e vossos companheiros haveis insultado em minha presença.

—Tenente, eu vos peço, disse o missionario, tratando de interromper o meu amigo, a hora se adianta, vamos para a estação.

—Um momento, meu padre, temos tempo.

E dirigindo-se aos moços que já não riam mas tremiam, continuou:

—Pois bem, sabeis que este humilde sacerdote que haveis tratado de cobarde, era em 1870 capitão de um regimento de cavallaria, onde deu provas gloriosas de valor. Ferido duas vezes, abandonou a espada pela cruz e depois elevando bem alto esta nova arma não temeu debaixo das ordens de seu chefe Leão XIII, deixar a familia, patria, tudo emfim, para internar-se nos ardores da Africa Austral. Tres vezes o padre Luiz se viu perto do martyrio, e quando ha dous annos tive a felicidade de arrancale-o a uma morte certa, sabeis o que me respondeu este homem de coração, no momento em que quiz conduzil-o em meu navio? Escutai sua resposta, senhores, e quando tiverdes o valor de dar uma semelhante, diante da morte, eu vos saudarei como bravos. Escutai:

«Meu filho, disse elle, agradeço vosso offerecimento, ainda mais o que acabais de fazer por um pobre missionario.

A morte me espera sem duvida n'esta terra de escravidão, porém não se dirá que o padre Luiz desertou de seu posto, fugindo ao martyrio.

O Papa me confiou uma missão sa-

grada, cumpril-a-hei se necessario fór a preço de meu sangue.

Se eu planto na dôr, meus successores colherão na alegria.»

—Senhores, julgai agora quem é o poltrão e o cobarde! disse meu amigo dirigindo-se a todos os presentes.

Terminando, Bernardo beijou as mãos do sacerdote, cujos olhos estavam arrazados d'agua.

O auditorio improvisado estava pasmado. Muitos senhores se levantaram e foram apertar a mão do Rvd.º padre Luiz. Um d'elles, joven, todavia, levou mais longe a reparação.

—Sem duvida, meu padre, vieste á França esmolara para a vossa missão?

A um signal affirmativo do sacerdote, o moço tomou seu chapéo e recorreu á reunião:

—Para o missionario de Joucki, dizia; e derramou em seguida o resultado de sua collecta na bolsa do padre Luiz, que agradecendo a todos, disse:

—E' aqui a primeira vez que recolho esmolara em um café.

H. de Artois.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

(Que devera sair no passado n.º)

I

### Os inimigos da virtude castigados

CONTAMOS o *Velho Testamento*, entre outros o seguinte caso, que mostra assaz quanto o demonio tentou sempre contra as almas candidas.

Entre os captivos da Babilonia vivia um rico homem, chamado Joaquim, que tinha por esposa a mais formosa mulher que então se conhecia, e a mais casta, a mais virtuosa das filhas de Judá. Suzana, que assim se chamava, teve a infelicidade de ser vista por dois velhos, que amiudadas vezes iam a casa de Joaquim, como homens da lei, os quaes conceberam desde logo o intento de perdela.

Homens de vida depravada, e que muito bem poderiam servir, se vivessem hoje, para redactores de jornaes, como muitos que por ahí abundam, para calumniarem, insultarem e maldizem as Irmãs de Caridade e todas as mulheres que por sua virtude se tornam distinctas, combinaram entre si surprehender a casta esposa quando fosse banhar-se, n'um dos banhos que tinha em seu jardim. Assim o fizeram: esconderam-se entre o espesso arvoredado que circuitava o banho, e, quando a virtuosa dama se dispunha a entrar na agua, eis que os dois infames lhe apparecem, tentando contra a virtude

da exemplar esposa; e vendo que nada conseguiram, recorreram ás ameaças, dizendo que se ella não se comprazesse com os seus desejos, iriam elles chamar gente, para mostrar que ella estava alli só com elles.

Suzana vacilla entre uma e outra deshonra e opta pela ultima. Os infames chamam os familiares da casa, accusam-na, e a accusação vae ao seio da familia, vae encher de tristeza o marido que sempre vira na esposa o typo de todas as virtudes. A casta mulher é condemnada a ser apedrejada e morta. E ella la vae resignada, soffrer, innocente, o castigo que os seus detractores mereciam.

Em caminho para o supplicio apparece-lhe Daniel, o que havia mais tarde ser o grande propheta, e clama ao povo:— Como assim levas á morte essa mulher sem provas bastantes do seu crime? Voltae atraz, e interrogae de novo os accusadores. Voltaram, foram os velhos calumniadores interrogados por sua vez, e em taes contradicções cahiram, que Suzana foi restituída a seu marido e elles foram condemnados ao supplicio que para ella haviam preparado. E morreram apedrejados.

Se hoje se fizesse o mesmo a tantos inimigos da virtude que por esse mundo vegetam, quantos seriam condemnados á morte, quantos arrastados ao pelourinho, como infames calumniadores! Mas cedo ou tarde a verdade aclarar-se, e a virtude rebrilha triumphante.

## II

## A Sagrada Familia

Formosissimo grupo apresenta a nossa segunda gravura! Gracioso conjuncto de innocencia, de santidade e divindade!

Alli, n'aquelle grupo, está compendiado o mais estupendo dos milagres e a redempção do genero humano. E tão bem apresentado está o quadro, que nos dispensamos descrevel-o; todas as figuras se conhecem, porque não teem ignaes na historia de todas as edades, e de todos os tempos. E de tanto valor é o quadro que o original figura no museu do Louvre, em Pariz, o que já é bastante, se não tivesse a augmentar-lhe a valia o nome do auctor — Andre de Sarto.

Na vasta galeria de primorosos quadros collocamos mais este digno de illustrar as paginas d'um periodico catholico, mais digno de ser admirado pelos verdadeiros filhos da Igreja, e dignissimo do assumpto que rememora.

## III

## O Propheta Elias

(Gravura do presente n.º)

Na igreja de S. João de Los Reis, em

Toledo (Hespanha) admira-se uma formosa e colossal estatua de S. Elias, o Propheta do deserto, que passa por ser uma obra prima, um dos trabalhos mais bem acabados que no seu genero se conhecem.

E de feito quem bem analysar a posição do santo Propheta, a paz de alma que se adivinha n'aquelle rosto enrugado, mas que em cada ruga mostra a santidade de uma vida passada no serviço de Deus; quem attender n'aquelle somno tão placidamente dormido, hade forçosamente applaudir o trabalho de Alonso Can, que é o seu auctor.

A abundancia de materia que tinhamos para este n.º estava a obrigar-nos a supprimir as gravuras; ainda assim só podemos dar uma, mas n'outra occasião daremos mais que duas.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Essa arvore frondente que cobre, pôde dizer-se, a humanidade inteira, desprende-se um ramo, que tombou para a terra fria do cemiterio, depois de deixar voar para o seio de Deus a seiva que esse ramo alimentara — a alma.

Essa arvore que perdeu esse ramo é a caridade; esse ramo que se desprende do tronco foi a Irmã Natividade, que, cedendo aos estragos de uma doença, causada, como a todas as Irmãs acontece, pelo muito e aturado trabalho, rendeu a alma ao Creador, no passado mez de dezembro. Fazia serviço no hospital de Santa Cruz em Braga, e foi alli que a morte a roubou ás companheiras e aos enfermos de quem cuidava solícita.

Morreu uma Irmã Hospitaleira. Podem cantar victoria os inimigos d'essa phalange benemerita; mas, como succedia nos primeiros seculos da Igreja, que do sangue dos martyres brotavam mais crentes, assim agora, por cada flor da caridade que estiola ao ambiente pestifero dos hospitaes, nascem pujantes de seiva novas flores, que continuam a impregnar de um aroma suavissimo, como é o da caridade, este seculo putrido e ingrato.

O cadaver da Irmã Hospitaleira Natividade foi acompanhado á sepultura por grande numero de suas Irmãs residentes em Braga.

Nós, que não podemos prestar-lhe

essas honras, ajoelhamos aqui diante da Cruz redemptora e elevamos ao Céu uma prece por alma da nossa Irmã, e pedimos a todos os leitores nos acompanhem, porque as nossas orações suffragando a alma da Irmã Natividade, são tambem um protesto contra as vaías do garotismo assalariado.

Oremos, pois.

D'entre os nossos amigos tambem a morte ceifou algumas vidas.

Em Chaves falleceu o R.º Padre José Maldonado, sacerdote digno, e em Braga o snr. Antonio Joaquim Moreira, ambos assignantes do «Progresso Catholico» e por esse facto com direito ás orações de todos nós.

O correio d'África trouxe-nos tambem a noticia do fallecimento do snr. João das Neves França e Lagos, que deixou tambem uma cruz erguida no livro dos nossos leitores.

Prestemos a ultima homenagem de nossas preces ás almas d'estes tres leitores e amigos nossos, e enderecemos a todos os seus parentes os mais sentidos pesames.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**H**A desastres de tal ordem que nem d'elles estão livres as empresas nem os individuos. Foi um d'esses desastres que fez demorar a distribuição do ultimo n.º do «Progresso Catholico» do dia 15 para o dia 18, e que fizera tambem supprimir a secção Illustrada, que só agora sae.

**Do quanto nos incommodara um tal transtorno podem avallar nossos leitores, e para que se não repita tal GRAÇA, temos empregado todos os meios, e Deus ha de querer, que se não repita.**

**Pedimos a todos mil desculpas.**

O telegrapho trouxe-nos ha dias a noticia de que S. Ex.ª R.ºº o Snr. D. João Rebello Cardozo de Menezes, Arcebispo de Metylene, e Vigario Geral do Patriarchado, fôra nomeado Coadjutor e futuro successor do Ex.ºº e R.ºº Snr. Bispo de Lamego.

Congratulamo-nos com uma tal noticia e damos mil parabens aos diocesanos de Lamego, por lhe ser dado quem tão dignamente substitua o venerando Prelado que os annos impossibilitam de administrar a Igreja Lamecense.

E congratulamo-nos tambem, por vêr que com a nomeação feita se remunera o profundo saber e altas virtudes do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. D. João Rebello Car-doço de Menezes.

Por essas terras portuguezas tem andado em exploração uma horda de pantomimeiros, uma casta de arlequins indecentes e rotos, a comer as classes menos illustradas, apresentando no tablado reles das barracas figuras representando frades, irmãs de caridade, etc., etc., menosprezando estas duas instituições, menosprezo que o povo ignaro, e, o que é mais ainda, o que mais carece e mais serviços recebe das irmãs de caridade, recebe com alvares gargalhadas.

No Porto, porque lá é o baluarte da liberdade, fizeram boa colheita, e o jornalismo tão roto como os palhaços applaudia os *Fantoches*. Em Braga tiveram já uma pateada, e a Associação Catholica representou ao Governador Civil contra um tal escandalo.

Vieram a Guimarães e oh, nunes, acharam aqui a paga da sua escamoteação indecente. A primeira *função* o bom povo de Guimarães levanta-se digno, nobre, altaneiro como a honra e a dignidade d'um povo que se preza, e foi uma vez aos *Fantoches*! Pateada, berraria, sóco á mistura, e lá foram os exploradores no dia seguinte, com a viola no sacco, como foi d'aqui uma vez o Felizardo de Lima.

Uma terra que tem 40 Irmãs de Caridade a prestar-lhe serviços, não podia vel-as insultadas. Gloria ao povo de Guimarães!

Não sabemos se em todas as terras se faz assim, mas em Guimarães affirmamos que a procissão da Bulla se faz espantosamente mesquinha, sem que saibamos a que attribuir uma tal mesquinhece.

E' por isso que vamos para aqui trasladar do nosso collega madeirense, A *Verdade*, a seguinte noticia ácerca da Bulla, realisada na cidade do Funchal:

«No domingo proximo passado realisou-se como tinhamos noticiado a procissão da Bulla da Santa Cruzada prégando na Sé Cathedral, onde a procissão recolheu seria meia hora depois do meio dia, o ex.<sup>mo</sup> Prelado. A procissão foi muito concorrida e numerosissimo o auditorio que escutava a palavra sempre feliz do venerando orador. Acompanharam a procissão e assistiram ao sermão, além do pessoal ecclesiastico da Sé e seminario, os ex.<sup>mos</sup> governador civil do districto, governador militar, administrador do concelho, commissario de policia, diversos titulares e muitos militares graduados. A procissão saiu, como é costume, da igreja

parochial de S. Pedro. Sob o pallio ia o illustre Prelado, sustentando nas mãos o Summario da Bulla da Cruzada. Uma força do Regimento de Caçadores comandada pelo sr. capitão Telles fazia a guarda d'honra. Ia a musica regimental.

O sermão foi muito doutrinal como costumam ser todos os sermões do nobre Prelado.»

Isto sim, que é uma procissão, e uma procissão da Bulla! E quando ella assim se faz, quando com a procissão se chama a attenção dos fieis, ha de certo a esperar que seja grande o numero de pessoas que tomam a Bulla, e que se aproveitam das muitas graças pela Santa Sé concedidas; mas, quando a publicação da Bulla se faz em meio de um indifferentismo pasmosamente reprehensivel, que querem que os catholicos façam?

Pela nossa parte queriamos que a publicação da Bulla fosse feita como no Funchal, ao menos em Guimarães, porque quer-nos parecer que nas outras terras do paiz se fará mais convenientemente que aqui.

Que indifferença, que gelo, que criminosa apathia, a d'estes inimigos do catholicismo! A *seita negra* vae estendendo os seus arraiaes, vae levando por toda a parte o nome christão e com elle a cruz, e elles, pobres estafermos, a perder tempo em berrarias inuteis, quando podiam ir em Africa tomar a passagem triumphante a esses *abutres* do jesuitismo!

Mas qual! Vão elles, os das *luzes*, para Africa! Pois não foste!

Vão elles, os homens tão odiados, tão mal vistos, e lá, fazem maravilhas, como esta de que nos dá conhecimento um collega:

«Os padres da Companhia de Jesus, residentes em Bengala, conseguiram, pelo seu zelo apostolico apartar do erro e converter ao christianismo mais de dois mil infleis, empregando para isto sacrificios que em risco lhe pozeram as proprias vidas.»

Porque não fazem o mesmo os jornalistas que tanto berram dos jesuitas?

Não fazem porque n'este cantinho da Europa ainda ha com que formar amplas barrigas. Ainda ha conventos a que lançar a unha, e, enquanto os houver a mesa é larga e todos tem n'ella um talher.

A essa mesa chegou ha dias um novo prato, que deve estar já devorado. O manjar era o convento das Flamengas, que, com a morte da ultima religiosa ficou debaixo dos gatasios. Com muito pezar transcrevemos a noticia seguinte:

«Falleceu no dia 9 do corrente Soror Barbara Thereza de Jesus Maria José,

abbadessa e ultima freira do Convento das Flamengas; por este lamentavel facto se extinguiu aquella casa religiosa, e um grande numero de senhoras que alli viviam como pupilas e recolhidas ficarão sem casa, sem abrigo, e irão talvez por esse mundo mendigar o pão de cada dia.

Causa dó a situação d'aquellas pobres senhoras!»

Parece que este paiz está sob o dominio de uma horda de selvagens, avidos de riquezas adquiridas á custa de muita lagrima e miseria! Como a gente se envergonha de ser filho d'este paiz!

Os nossos leitores lembram-se de Paulo Bert, o inimigo da Igreja em França, o mais ardente defensor da secularisação do ensino. Paulo Bert foi um atheu de primeira ordem, um revolucionario quadrado. Pois senhores, estando em Tonkin representando o seu paiz, foi surpreendido pela morte, recebeu todos os sacramentos, abjurou todos os erros passados, e morreu como um bom catholico.

E não foi só o aspecto da morte que o fez olhar para outra vida, não, foi o viver dos missionarios, foi a dedicação que observou nos filhos da Santa Igreja, que o levaram á conversão. Foi tudo isto, porque antes da doença havia dicto ao Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Kerso:—Senhor Bispo, permitta-me que lhe apresente as minhas felicitações em nome da França e em meu proprio nome. N'este momento solemne, reconheço, talvez um pouco tarde, a dedicação d'essas bellas almas, para as quaes a fé e o patriotismo são termos identicos.»

*Essas bellas almas*, são os missionarios, os jesuitas, e todos os religiosos que a França se não envergonha de ter onde a sua bandeira tremula. Apanhem mais esta lição os berradores em Portugal contra os jesuitas, e aprendam a ser homens, cavalheiros, cidadãos que se prezam.

E aprendam tambem os inimigos das Irmãs de Caridade:

A Irmã de Caridade franceza Mathilde, que fizera serviço nos hospitaes de Beauvais, foi agraciada pelo governo da republica com a Gran Cruz da Legião de Honra.

E são estas mulheres, que teem o respeito de todas as grandes intelligencias, as distincções dos governos, e as benções dos infelizes, que uma pandilhice rota arrasta para diante das turbas sem educação, que riem alvarmente, como ririam diante de um tonel a transbordar. E sem as auctoridades dar por isso!

Apesar de andarem por aqui tantos missionarios a incomodar os fortes do

espírito, ainda ha missionarios para irem mar em fora levar a luz do Evangelho! Caso espantoso!

No dia 2 de dezembro sahiram de Turim 32 missionarios Salesianos para as missões do Brazil e da Patagonia. A festa de despedida d'estes incansaveis obreiros da civilização assistiu o Cardeal Alimonde e Dom Bosco, o typo verdadeiro da caridade evangelica.

Veem, srns. inimigos dos missionarios. Olhem que se andam por cá, onde bem necessarios são, tambem vão para fora, para onde os seus inimigos só vão quando lhe apontam honrarias e postas rendosas.

Mas, apesar de tudo, os missionarios serão sempre um pesadello para estes liberalissimos reformadores.

Os catholicos italianos preparam-se para offerecer ao Santo Padre, por occasião do seu jubileu sacerdotal, alem de variados e ricos ornamentos sacros, um milhão de francos (perto de 200 contos de reis) para o dinheiro de S. Pedro.

Em Portugal alguma cousa se prepara tambem, e nós breve daremos enesejo aos nossos leitores para algo darem ao Papa por tão fausto acontecimento.

Para os portos de Africa partiram ha dias no paquete portuguez S. Thomé, oito irmãs hospitaleiras.

Que irão fazer em terras africanas essas heroínas da caridade christã, essas beinfazejas da humanidade, esses verdadeiros typos de todas as virtudes evangelicas? Não vão, de certo, em procura de honras, que nem com gente estão que lh'as dispense, nem mesmo merecer uma recompensa qualquer, que lhes mate a fome nos dias ultimos da vida. Não; as honras, os postos elevados, e até as postas amplas são para os que vão passear sob pretexto de exploração; as pobres Irmãs, como não são *exploradoras*, vão à Africa prestar os seus serviços em prol dos infelizes, e comprar, à custa do sacrificio, uma campa à sombra da cruz, em meio dos inhospitos areaes africanos. E se mais não fizessem isso mesmo era um grande serviço à Religião christã, porque sobre a terra que esconder os restos de uma Irmã, levanta-se uma Cruz, e isso é mais um marco da civilização erguido em terras d'além-mar.

Bem idas sejaes, predilectas filhas do Senhor, e que o mesmo Deus faça que tantos sejam os vossos serviços que façam render os inimigos que na Patria tendes.

Mais. De Roma partiram para Napolles 16 Irmãs de Caridade para tomarem a seu cargo as enfermarias do hospital

de incuraveis. E foram porque os medicos, *obscurantistas e fanaticos*, como lhe chamaria o palermismo de Portugal, fizeram notar que são ellas, essas heroínas do seculo dezenove, as melhores enfermeiras, e as unicas que podem efficazmente assistir aos enfermos nos hospitaes, e consolal-os nos seus padecimentos moraes e materiaes.

Dizem as gazetas que os capitães do exercito francez Locard e Hirondart, acabam de descobrir uma nova substancia, mais terrivel que *dynamite*, e com prosapias, por isso, de produzir mais desastrosos effeitos. Chamam ao novo destruidor milinite, e diz-se que, lançada sobre um edificio qualquer, se afunda até às primeiras camadas do solo, e que só então explue, fazendo voar pelos ares tudo quanto lhe seja superior.

O capitão Locard, em recompensa d'esta descoberta vae ser elevado a chefe de esquadrão, e o seu camarada Hirondart vae ser condecorado.

São cousas d'este seculo das luzes. Nós, se fomos governo que dispozesse de força e condecorações guardavamos estas para os amigos da humanidade, e penduravamos n'um salgueiro as cabeças dos dois inventores de mais um meio de destruição.

Na Italia vae tudo raso com neve.

Em Genova foram partidos todos os filios telephonicos, e os comboios tem soffrido atrazos espantosos por causa da neve.

Em algumas localidades a neve tem-se elevado acima da terra perto de um metro, o que tem posto em perigo muitas locomotivas, em risco de ficarem enterradas nos alvissimos lençoes, e succedem todos os dias muitos descarrillamentos.

Se os sabios capitães de que acima fallamos inventassem um meio de livrar a humanidade d'estes perigos, bem andavam... Agora arranjam mais perigos, sempre é um milagre!

Communicam-nos o seguinte, que agradecemos:

No domingo 28 de novembro de 1886, houve na igreja matriz d'Aldêa das Dez, Concelho d'Oliveira do Hospital, na diocese de Coimbra, a festa ao Santissimo Coração de Jesus, promovida pelos associados do mesmo Coração de Jesus.

Houve communhão de meninos, e commungaram à festa mais de 400 pessoas adultas.

Pregou o muito rev. padre Thomaz Vital, convidado para aquelle fim.

Antes da festividade, seriam 8 horas houve procissão do Jubileu, levando as imagens da Nossa Senhora das Dores e

Santa Maria Magdalena, que ia muito concorrida.

Tudo isto é mais um desespero para a maçonaria que não quer vêr o povo nos templos a implorar o auxilio do Ceo.

Serão mais catholicos que nós os portuguezes, os nossos visinhos hespanhoes? Assim o parece em vista da seguinte noticia que um collega nosso de Hespanha nos transmite:

«Os catholicos de Bañolas fizeram publicar um protesto, contra o abuso dos mercados em dias sanctificados, concebido nos seguintes termos:

«Altamente feridos em seus sentimentos religiosos, os catholicos de Bañolas, levantam energicamente sua voz para protestar contra o mercado que tem lugar n'esta villa no mesmo dia da Immaculada Conceição, Padroeira das Hespanhas. Essa especie de profanação, devida a mesquinhos interesses, lança uma nodoa assás vergonhosa nos braços d'esta villa que provou sempre os seus sentimentos religiosos.»

Em Portugal é costume guardar-se as compras para os domingos e dias sanctificados, e não são raros os dias consagrados ao repouso e à oração, que os povos escolhem para os seus mercados.

Triste! horrivelmente triste!

Os jornaes de dez reis tem ainda uma outra *vantagem*, que poucos haviam previsto ainda, e que vae dando já optimos fructos. Leia-se a seguinte noticia que um jornal dos taes nos deu ha dias:

«O vendedor de jornaes Manuel Lopes da Fonseca, de 19 annos, foi capturado na rua dos Mercadores, a requisição do sr. Firmino Placido, a quem roubara 4 duzias de espelhos, grande porção de papel e varias correntes, etc.»

Não é um modo de vida bonito, para juntar a um de si já rendoso?

Andam sempre os jornaes de dez reis a noticiar roubos, fajardices, crimes de toda a ordem, e não hade o garotismo, a gente dos mesmos jornaes aprender tambem a fazer alguma cousa para merecer as horas de ter logar nas columnas dos mesmos jornaes que distribuem?

As arvores vão dando fructos.

Pozeram a regente de Hespanha D. Christina nas pontinhas da lua, por conceder o perdão ao brigadeiro Villacampa e a seus companheiros na ultima tentativa de revolta, e afinal o coração da formosa viuva de Affonso XII parece não ter influido nada na questão, e que entrou n'ella como Pilatos entra no Credo.

Fallaremos d'isto no proximo n.º

J. de Freitas.